

Fumação salva pré-história do País

Turismo controlado evita a destruição

Decreto pode evitar grilagem em terras que seriam desapropriadas para museus a céu aberto

LIANA JOHN

A falta crônica de recursos para a criação, administração e fiscalização dos parques brasileiros está levando algumas entidades da sociedade civil a buscar alternativas próprias para a manutenção das áreas de proteção. Um dos melhores exemplos dessa situação é o Parque Nacional da Serra da Capivara, a 500 quilômetros de Teresina, no Piauí. Criado em 1979 para proteger sítios arqueológicos e paleontológicos de extrema importância — lá foram encontrados os sinais do homem americano mais antigo já registrado —, o parque e as pesquisas viveram dos míseros recursos dos órgãos governamentais até 1986. Nesse ano, os cientistas responderam às pesquisas arqueológicas resolveram criar a Fundação Museu do Homem Americano (Fundham) para captar recursos e ganhar independência.

Hoje a Fundham é responsável pelo funcionamento do parque, que existia apenas no papel. Foi assinado um convênio com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que permite à fundação trabalhar pela implementação e proteção do parque. O convênio prevê também a captação de recursos de instituições nacionais e estrangeiras, governamentais ou particulares para obras e treinamento de pessoal, além de propor um plano de manejo para o parque. "Com esse aval, conseguimos recursos para a construção de um museu ao ar livre nas escavações do sítio da Pedra Furada", conta a arqueóloga paulista Niede Guidon, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e responsável pela Fundham. "Além disso, fizemos diversos acordos que nos têm permitido treinar técnicos e prosseguir nas pesquisas arqueológicas, e estamos perto de fechar um convênio com a Petrobrás para a construção de uma cerca em torno do parque. A elaboração de um levantamento geológico e topográfico, além de treinamento de técnicos", explica Niede.

PROJEÇÃO

Outro objetivo da fundação é buscar recursos para atuar na periferia do parque. Depois de 1979, uma série de sítios paleon-



Várzea Grande, na Serra da Capivara: museu ao ar livre atrai estudiosos e depredadores

Fóssil vira cal para construção

Os dois maiores inimigos do Parque Nacional da Serra da Capivara são a miséria e os políticos da região. A miséria obriga os habitantes das áreas vizinhas a invadir o parque para cortar madeira e caçar, sobretudo quando ocorrem estiagens prolongadas.

Os políticos locais mais influentes ainda não conseguiram enxergar as potencialidades de desenvolvimento do turismo ecológico e, por isso, se opõem ao parque. Eles procuram, tirar vantagem nas desapropriações das terras que têm, sob posse. O caso das caieiras é o mais grave. Em torno do parque afloram formações de calcário que também contém pinturas e, sobretudo, guardam uma quantidade enorme de fósseis animais de mamutes, preguiças-gigantes, paléo-lhamas e tigres-dente-de-sabre.

Segundo explica o arqueólogo italiano Fábio Parenti, há três anos na Fundham, os paredes de arenito, protegidos pelo parque, conservam bem as pinturas e permitem datações mais seguras, com base no método do carbono 14. O problema é que ali se encontram rochas calcárias.



Dupla destruição: desmatamento para queimar calcário

prestados até montar uma caieira, o que demora de dois a três meses. Depois queimam as pedras e "lucram" apenas o suficiente para não morrer de fome — e começar outra caieira.

de aeroso e coleta e estocagem de água. Em alguns sítios arqueológicos se estuda o aproveitamento da água pela população da Barra do Antônio, as escavações, a serem concluídas

O plano de manejo ainda é coisa rara, quase desconhecida, no Brasil. No entanto, é um dos passos mais importantes para a efetiva implantação de um parque. Num plano de manejo se incluem levantamentos de fauna e flora, meio físico e clima da região e se propõem pesquisas, recuperação, manutenção ou uso de determinadas partes do parque. No caso da Serra da Capivara, o plano começou a ser elaborado em 1986 e estava quase pronto quando o Ibama mudou os limites do parque. Agora, a equipe de cientistas está esperando o novo mapa oficial para mudar o zoneamento. A expectativa é concluir o trabalho ainda este ano.

Apesar da espera, os pontos básicos do plano não vão mudar. Uma das principais preocupações é ordenar a visitação pública para não haver depredações. Todo limite sul do parque deve ser aberto ao público, depois de devidamente preparado. Ali ficam as escavações da Pedra Furada, paredes de arenito em cujas bases há grandes reentrâncias, onde os homens primitivos se abrigavam e faziam fogo. Há vestígios de uma ocupação contínua de pelo menos 8.700 anos até cerca de cinco mil anos. Nesse sítio já estão sendo construídas as passarelas e muros do museu ao ar livre financiado pela Fundação Banco do Brasil.

Na mesma área ficam as tocas, de ocupação mais recente — entre oito mil e 12 mil anos — com alguns painéis de pinturas ainda de estilos desconhecidos. O plano não inclui estradas nem pretende mudar as trilhas. "Vamos sugerir rotetiros diferenciados, de acordo com o tipo de turista: o museu ao ar livre para os que vêm de carro e querem andar pouco e trilhas com maior grau de dificuldade para os adeptos de caminhadas e montanhismo, dentro da linha de turismo ecológico, diz Niede Guidon.

Com a visitação restrita a tocas e escavações das margens do parque, fica mais fácil descobrir invações e, assim, proteger os sítios mais delicados, como o da Toca do Barro, onde as pinturas foram feitas em pequenas pedras, fáceis de retirar da pa-

rede das grutas para levar para casa. Boa parte das pedras já foi retirada por depredadores, e agora se pretende liberar o acesso a esse local apenas na presença de guias, embora, desde já, o subterfúgio ameaça a integridade do sítio. "Já houve gente oferecendo até NCz\$ 8.000,00 para deturpar uma pedrinha dessas", conta Durval Passos Dias, o guia que levou Niede até as pinturas pela primeira vez, em 1970.

SOBREVIVÊNCIA

Ficam ainda fora do alcance do público as áreas em estudo, como o Sítio do Perna, onde acaba de ser descoberta uma parede de pinturas soterrada. "São mais de cem figuras em perfeito estado e visíveis, bem conservadas justamente por terem sido menos expostas às intempéries, uma descoberta inédita na arqueologia americana", exulta Niede.

Além do turismo, o plano de manejo propõe medidas de recuperação e conservação da flora e fauna. Existem diversas espécies endêmicas no parque — que é o único a proteger uma vegetação de caatinga em todo o Nordeste — e foram registradas pelo menos duas espécies novas de animais: um lagarto e um morcego. Alguns animais, muito caçados, estão praticamente extintos na área, como a ema, o quetzal e o tamandua-bandeira. "Os tatus estão em situação precária, sobretudo o tatubola, devido à caça para subsistência", afirma o biólogo Fábio Oimos.

A idéia é encontrar alternativas de sobrevivência para a população local e diminuir a pressão sobre os animais caçados e sobre as árvores que fornecem madeira, inclusive porque, em alguns casos, a falta de alternativa ameaça diretamente os sítios arqueológicos. A extinção local de tamanduas e a diminuição dos tatus, por exemplo, vêm provocando um aumento exagerado do número de cupins no parque. "Os cupins se fixam nas paredes das tocas, onde estão as pinturas provocando a descamação da pedra e a consequente destruição dos registros históricos", explica o arqueólogo italiano Fábio Parenti.

tolóicos foram descobertos fora dos limites decretados, em serretes de calcário que afloram do solo. Esses sítios são importantes para complementar as informações obtidas nas escavações dentro do parque, nas tocas de arenito. Na última semana, um dos últimos decretos do ex-presidente José Sarney declarou área de proteção permanente (Zona Limitrofe) do Parque Nacional da Serra da Capivara — justamente onde se localizam as formações calcárias. Se o governo Collor mantiver o decreto, não será mais necessário comprar as terras onde se localizam os principais sítios, como a fundação vinha pretendendo fazer. Mas ainda resta muito a fazer em relação à população instalada na periferia do parque, que em sua grande maioria é invadida e depredada por falta de opções para a sobrevivência, sobretudo em tempos de seca.

do à acidez do solo. "As formações calcárias são extremamente favoráveis à preservação dos ossos, mas dificultam a datação, porque a matéria orgânica é totalmente substituída por minerais", diz Parenti. Assim, a análise dos fósseis animais conservador no calcário pode ajudar a encontrar o fio da história dos homens primitivos.

Só que esse calcário vem sendo quebrado e transformado em cal de construção: cerca de 40 caieiras já funcionam ao redor do parque. Caieira é uma espécie de forno enorme e circular, onde é necessário queimar uma média de sete caminhões de madeira verde — às vezes retirada do parque — para obter quatro caminhões de cal, a partir das pedras do calcário que são "assadas". Os trabalhadores das caieiras conseguem material e alimentos dos caminhoneiros e donos de armazém em-

Para contornar o problema, a Fundham está tentando comprar os serretes de calcário onde estão os sítios mais importantes. Vários deles contendo estão nas mãos de políticos locais, que pedem preços absurdos pela terra. Ao mesmo tempo, a fundação tem oferecido treinamento para quem quiser deixar as caieiras e trabalhar nas escavações e fez um acordo de cooperação com o Ministério das Relações Exteriores da Itália, por meio da organização Terra Nuova, para promover o desenvolvimento social com preservação ambiental.

Os Italianos do Terra Nuova estão levando a população local tecnologia agropecuária adaptada ao clima semi-árido desenvolvida pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). São técnicas para a criação racional de abelhas, galinhas e cabras, para controle

este ano, vão deixar um imenso buraco com profundidade média de oito metros que será transformado em barragem. Em outro sítio, o Sumidouro do São, os arqueólogos encontraram um lago subterrâneo perene que também deverá ser aproveitado.

Zonas inciativas explicam o incômodo de alguns políticos locais, tradicionalmente beneficiados pela indústria nordestina da seca. Eles reagem com ameaças de morte aos cientistas em alguns casos, com a manipulação política de administradores do parque. Em outros casos, com o atraso de verbas ou autorizações para o trabalho da fundação, na maior parte do tempo. Estamos aguardando para ver se isso vai mudar no governo Collor, diz Niede Guidon. Precisamos de técnicos dirigindo esse parque. Não de políticos.



Niede: planos incluem preservação da fauna e flora local

